

Tensão, contexto e posições:

uma bela conversa com Dave Beech¹

Dave Beech

Artista, curador e professor no *Royal College of Art*, em Londres. Beech é um dos membros do coletivo *Free* (junto com Andy Hewitt e Mel Jordânia), além de escritor e conferencista no *Chelsea College of Art* e colaborador regular da *Art Monthly*, bem como de periódicos como *Untitled*, *Mute* e *Third Text*. Beech tem escrito extensamente sobre a política da arte os legados vanguardistas em ensaios como *Art's Detractors* e *The Politics of Beauty*.

Thiane Nunes

Mestre em Artes Visuais, com ênfase em História, Teoria e Crítica pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduada em Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda, atualmente tem como pesquisa as questões do belo e seu lugar na arte contemporânea, sua presença – ou ausência – e novas conceitualizações.

Resumo. Nesta entrevista Dave Beech, ao apresentar suas motivações para organizar o livro *Beauty* (The MIT Press, 2009), uma antologia de textos sobre beleza, analisa as características desse “renascimento” da beleza na arte contemporânea, atentando em especial para suas dimensões ideológicas, políticas e sociais.

Palavras-chave. beleza; política; arte contemporânea.

Stress, context and position: a beautiful conversation with Dave Beech

Abstract. In this interview Dave Beech, by presenting his motivations to organize *Beauty* (The MIT Press, 2009), an anthology of texts about beauty, analyzes the characteristics of this “rebirth” of beauty in Contemporary Art, paying attention in particular to its ideological, political and social dimensions.

Keywords. beauty; politics; contemporary art.





Fig. 1. Projeto e Exibição Artística do Coletivo Freee, realizada em junho e julho de 2007.
Fonte e maiores informações: <<http://freee.org.uk/works/protest-is-beautiful/>>

Thiane Nunes [TN] No livro *Beauty*, em seu texto introdutório, você remete à estética da suspeita e destaca o estado contemporâneo de beleza como uma categoria impugnada, que pode revelar a posição ideológica dos indivíduos e discurso social, bem como as tensões entre eles. Poderia discorrer mais sobre isso?

Dave Beech [DB] Eu estava sugerindo que nós estendemos a noção de Ricoeur de uma “hermenêutica da suspeita” para a estética, o que ele atribui a Marx, Nietzsche e Freud. Marx teria olhado para o capitalismo não apenas como um sistema de produção de riqueza, mas também como um sistema de produção de pobreza, de alienação, de exploração e de miséria. Nietzsche viu a filosofia, principalmente, não como a busca da verdade, mas como um baile de máscaras de ilusão, vaidade e poder. Freud viu o sujeito humano não só como o agente da razão, intenção e sentimento, mas também como alguém conduzido por impulsos e desejos inconscientes. Eu gostaria de perturbar a noção de beleza que herdamos de forma semelhante, vendo-a não apenas como algo bom, agradável, ético e positivo, mas também como constrangimento, repressão, intolerância, cumplicidade e ideologia. Eu não acho que possa ser aceitável falar sobre beleza sem dar um relato completo das sombras que ela lança.

[TN] Como surgiu a oportunidade de compilar em um livro² vários documentos, artigos e textos que re-posicionam a beleza como uma preocupação relevante para a cultura visual contemporânea³ Como se deu a escolha dos textos e autores e que tipo de resposta ou continuidade este trabalho proporcionou?



[DB] Fui convidado pela equipe editorial a apresentar uma proposta de uma antologia sobre a beleza. Eu disse desde o começo que queria começar com uma seção sobre o renascimento da beleza, muito mais do que falar em Platão e Aristóteles. Isto porque essa coleção aborda questões contemporâneas na arte e eu queria que o livro estivesse localizado nas circunstâncias que fizeram da beleza uma questão contemporânea. Depois disso, estabeleci que o livro pudesse fornecer complexo material e variadas críticas em relação ao retorno da beleza. Como isso aconteceu é simples: eu passei muito tempo coletando referências sobre a beleza e enchi pastas com fotocópias desse material. Quando finalmente eles puderam ser dispostos em uma forma que fazia sentido, eu então diminuí o número de textos e selecionei os trechos que aparecem no livro. Eu repeti esse processo inúmeras vezes. Depois de enviá-lo ao painel editorial, recebi alguns comentários e fiz algumas mudanças, até a publicação.

[TN] Você acredita que possa existir algo como um deslocamento ou ampliação na percepção estética ocidental do que é belo atualmente, principalmente após a trajetória das vanguardas modernistas, das provocações *duchampianas*, do conceitualismo e outros movimentos de ruptura?

[DB] Bernard Bosanquet afirmou em 1922 que havia “um intervalo na filosofia estética que ocorria de Plotino até o século XVIII da nossa era”. Beleza, até então, não era um elemento proeminente ou consistente do pensamento ocidental, nem mesmo existiu como teoria estética, por mais de mil anos. O que Bosanquet não menciona aqui é que a beleza retorna à teoria estética no século XVIII não como norma fundamental da experiência estética, mas, pela primeira vez, ao lado de princípios estéticos alternativos, como o sublime, o grotesco, o burlesco e o feio. As vanguardas tomam a expansão romântica da estética e a reduzem e espremem ainda mais, a fim de libertar outros modos de experiência, incluindo a agressividade, a negação, o acaso e a perversão. Dialeticamente, podemos dizer que as vanguardas descobriram a beleza do lixo, da violência e do incivilizado, mas isso não é a mesma coisa que o restabelecimento da beleza. Mesmo quando a pintura abstrata e o formalismo dominaram o mundo da arte após a Segunda Guerra Mundial, houve pouca ou nenhuma conversa sobre beleza. Greenberg se referiu a pinturas como bem feitas ou excelentes, em seu lugar. O Conceitualismo herdou esse escrutínio ascético e manteve a beleza fora da arte. Portanto, o *enigma* não reside em identificar e explicar as rupturas (como tantas outras patologias), mas em identificar e explicar o renascimento da beleza.



[TN] A ideia de realizar uma obra artística que possa remeter a comentários do tipo “como é bonito”, a respeito de sua condição estética visual ou sensorial, parece quase um temor para alguns jovens artistas. Concordo que beleza não deve nem precisa ser tomada como condição primeira da arte, mas a ideia de refutá-la, conscientemente, mesmo antes de iniciar sua produção artística, pode nos dizer algo a respeito da politização da arte?

[DB] Fazemos uso das palavras estéticas na linguagem comum e em circunstâncias normais o tempo todo. Meu filho é lindo e sempre digo isso a ele. O parque *Dartmoor* é lindo e estamos todos confortáveis em afirmar isso, ainda mais quando o vemos. Podemos nos referir às Obras da mesma forma. Não devemos ter medo da palavra e, certamente, não devemos temer que nominar uma obra de arte como bela irá privá-la de todas as outras características. Minha esposa é linda, eu não tenho medo de dizer isso a ela e de certa forma tal atitude significa que eu não percebo suas outras qualidades, como uma mulher de negócios, desenhista, etc. Assim como seria um erro ver a beleza e a arte politicamente engajada, por exemplo, como existentes em lados opostos de uma grande divisão. Aqui, vale ressaltar que a luta política é bela também.

[TN] Durante minha pesquisa de mestrado tenho me deparado com um certo relativismo estético, pautado muito fortemente nos estudos advindos das concepções modernistas. Segundo observações que realizei, parece mais seguro fazer juízos de gosto a qualquer tipo de arte que pareça recorrer a uma considerável proximidade com a cultura pop e pós-moderna, em detrimento a qualquer coisa que possa remeter a uma arte, digamos, mais *tradicional*. Isso não parece um discurso institucionalizado e um tanto reducionista?

[DB] A beleza é subjetiva e ainda existem forças sociais objetivas que nos fornecem prontas certas experiências do belo com legitimidade. O relativismo é enganoso, porque exige o desaparecimento dos julgamentos subjetivos inseridos em um contexto de economias sociais. Sociólogos cometem o mesmo erro, mas ao contrário, entendem o gosto apenas em termos de economias objetivas, onde os indivíduos são então excluídos. Nós precisamos evitar esses dois erros, a fim de compreender os juízos de gosto em termos de tensão, contradição e luta entre o gosto subjetivo e os mecanismos sociais de atribuição de legitimidade a certos juízos de gosto.



[TN] A tese vanguardista segundo a qual a beleza é ideologicamente cúmplice de uma elite econômica ou política, tão disseminada no século XX, ainda tem validade? Não parece ingenuidade, diante da realidade atual, quando observamos a institucionalização e um consumo econômico intenso de obras que representam tendências ao culto do choque, do antiestético ou da abjeção, que tem ampla aceitação nos circuitos da arte contemporânea? Diante disso, revelar o belo hoje, seja através da ideia, da experiência, da imagem representada, do tema ou mesmo da forma, não revelaria uma atitude muito mais subversiva, ou no mínimo, ousada?

[DB] Argumentar que a beleza é subversiva depois de a vanguarda ter sido incorporada pelas instituições artísticas é como dizer que o sexismo é radical depois de o feminismo ter sido amplamente aceito ou que o racismo é uma forma de protesto quando leis contra o racismo foram aprovadas. Ao invés de olhar de modo estreito para uma instância isolada de legitimação (Duchamp no museu, etc.), precisamos ver o poder relativo da vanguarda dentro dos círculos acadêmicos, dentro do mundo da arte, no qual a pintura ainda domina o mercado da arte, dentro dos museus *blockbusters*, dos cursos de história da arte e do mercado editorial. Também temos de levar essa visão mais ampla do mundo da arte para o contexto maior do capitalismo neoliberal globalizado. Duchamp e a vanguarda ainda devem parecer tão poderosos nesse contexto? Penso que não. Uma das coisas que os radicais consistentemente falharam em fazer é preservar os ganhos que suas campanhas garantiram. Ganhamos o poder dos sindicatos e então ajudamos a colocá-los de joelhos. O que devemos fazer com os ganhos que a vanguarda obteve na arte? Proteger, preservar e expandir sua base de poder, não darmos as costas a eles em busca de uma alternativa mais pura.

[TN] Finalmente, como artista, gostaria que falasse um pouco sobre seus projetos, e se essa questão da beleza de alguma forma intervém nos seus processos de concepção e criação.

[DB] É muito melhor para os artistas pensar em todo o espectro da experiência estética – a feiúra, o grotesco, o burlesco, o choque, a possibilidade, a distração, o tédio, etc. e não restringir a produção apenas à beleza. Mas é melhor ainda ver a estética como um meio de engajamento político. Não é o suficiente fazermos coisas bonitas para um mundo de exploração. Precisamos fazer do mundo algo lindo e para isso é necessário violência, luta e o sacrifício. É desta forma que violência, luta e sacrifício tornam-se belos.



¹ Esta entrevista é parte da dissertação *Deslocamentos e Novos Paradigmas do Belo na Arte Contemporânea* de Thiane Nunes e foi realizada via e-mail em maio de 2014, originalmente em inglês.

² BEECH, Dave (Org.). *Beauty*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2009. (Whitechapel: Documents of Contemporary Art)

Tradução: Thiane Nunes

